

PÓS-MODERNIDADE!?! Dimensões e reflexões¹

Márcio Gomes Sá*

RESUMO

Os debates em torno das dimensões da pós-modernidade são plurais. A diversidade de posicionamentos e perspectivas sob as quais suas proposições são analisadas colaboram para o aquecimento das discussões. Este ensaio tem como objetivo refletir sobre algumas das principais questões referentes às suas dimensões epistemológica, cultural, social e econômica. Primeira e segunda seções são dedicadas a trazer uma visão breve e sucinta dos precedentes fundamentais – na concepção do autor – para um entendimento inicial da temática. Em seguida, é apresentada a pós-modernidade e suas dimensões. Por fim, comentários e questionamentos reflexivos compõem as reflexões finais.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Pós-modernismo. Modernidade. Sociedade pós-industrial.

1 INTRODUÇÃO

A crise da modernidade, apontada por autores como Habermas, Beck, Bauman e Rouanet, é campo fértil para o surgimento de novas perspectivas teóricas. Sob novas múltiplas denominações – e.g., modernidade tardia, alta, radicalizada, hipermodernidade, modernidade reflexiva, pós-modernidade – ou até mesmo mantendo-se fiéis ao ideário moderno, pensadores contemporâneos apresentam idéias, reflexões (umas mais críticas que outras) e esboços teóricos alternativos ao pensamento e práxis ortodoxamente modernos.

Neste contexto, a plêiade de idéias que surge sob as epígrafes “pós-moderno” e “pós-modernidade” é difusa, disforme e apresenta poucas certezas sobre si e sobre suas próprias proposições. Eis aí uma dificuldade elementar de qualquer tipo de definição e até mesmo de compreensão ao se aproximar da temática.

Tendo como foco central refletir sobre algumas das principais questões referentes às dimensões epistemológica, cultural, social e econômica inerentes à idéia de pós-modernidade, este ensaio não tem como objetivo desenvolver concepção original sobre o tema, mas sim apresentá-lo numa abordagem clara e

*Mestre em Administração pela UFPE e professor do Campus II - Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão.

concisa de forma tal a melhor esclarecê-lo, nas dimensões apontadas, por meio de uma abordagem reflexiva.

Para tal, está estruturado de forma a fazer-se compreensível não apenas em seu objetivo, mas também no caminho percorrido até o mesmo. Inicialmente, procura-se trazer uma visão breve e sucinta dos precedentes fundamentais – na concepção do autor – para o entendimento dos pontos centrais que serão tratados mais adiante.

Na primeira seção, é abordada sucintamente a idéia de modernidade e do que posteriormente vem a se configurar como seu componente estrutural sócio-econômico marcante, o fordismo. A segunda é dedicada às demais abordagens teóricas sobre a sociedade pós-industrial: a sociedade da informação e o pós-fordismo.

Em seguida, apresento uma idéia geral sobre a pós-modernidade e, uma a uma, suas dimensões. Por fim, alguns comentários e questionamentos compõem as reflexões finais.

Assim, acredita-se ter no entendimento sobre aspectos centrais relativos às dimensões da idéia de pós-modernidade, e na possibilidade de desenvolvimento de uma reflexividade sobre a mesma, suas maiores contribuições.

2 MODERNIDADE, REFERÊNCIA NECESSÁRIA

A referência necessária do “pós-moderno” é o próprio “moderno”. Se há pouquíssimas certezas sobre o que, de fato, é proposto em suas múltiplas perspectivas, o questionamento do paradigma moderno é uma das poucas convicções pós-modernas. Sua conceituação está relacionada à idéia de modernidade. Mas que idéia é essa? Como surgiu? O que representa?

A queda do dogmatismo religioso e da hegemonia teocêntrica são tidas como grandes conquistas iluministas. E é na fé iluminista inabalável na razão, no progresso por meio desta e, naturalmente, nos seus ideais de emancipação que a modernidade vai buscar força para a construção da concepção de razão moderna, uma vez que “o Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado” (KANT, 1995, p.11). A autonomia intelectual é o ideal mais grandioso do projeto moderno. A razão, seu emblema.

Se a Revolução Francesa deu luz à razão moderna, a Revolução Industrial proporcionou-lhe substância material. Com a conversão dos pensadores do fim do século XVIII em diante, das crenças milenaristas até uma idéia secular de progresso, o milênio tornou-se científico e racional, o marco inicial de uma era de desenvolvimento. Os “tempos modernos” e seus pensadores marcam a história

humana por uma pretensa auto-suficiência no pensar e agir (KUMAR, 1997).

Para Weber, a modernidade é produto do processo de racionalização que aconteceu no ocidente, desde o século XVIII. Processo este que impactou profundamente todas as dimensões da vida em sociedade. Na economia, com a consolidação do modelo econômico capitalista; na política, com o soerguimento do Estado moderno; na cultura através do “desencantamento do mundo” por meio da racionalização das visões de mundo, desvinculando a ciência da moral e a arte da religião (ROUANET, 1987).

O próprio Rouanet (2001) aponta para uma crise na civilização moderna e nos seus principais ingredientes. A individualidade é sobreposta pelo anonimato do conformismo e da sociedade de consumo. A autonomia intelectual e pretensamente emancipatória, baseada numa visão secular de mundo, está sendo preterida pelo reencantamento do mundo (e.g., fundamentalismos), assim como a política e a economia são subjugadas a estruturas corroídas pelos interesses hegemônicos do mercado contemporâneo. Os valores universais são confrontados com uma multiplicação de particularismos nacionais, culturais, raciais e religiosos.

É justamente na crise do projeto moderno e dos seus principais elementos que surgem novas concepções sobre a estrutura sócio-econômica e seus diversos aspectos. Antes de observar algumas das perspectivas que emergiram com a crise moderna, é preciso conhecer um pouco mais sobre aspectos cruciais da sua constituição sócio-econômica.

2.1 O Fordismo

Com o advento da revolução industrial, a sociedade passa a ser organizada em torno do capitalismo industrial. Trabalho e capital são as variáveis básicas da sociedade industrial. A mecanização crescente é fruto de novas invenções e sinônimo do progresso moderno. O racionalismo volta-se para este progresso, o industrialismo é marcado pelas idéias totais do taylorismo. O movimento fordista se apresenta como uma organização produtiva que se expande, principalmente por meio da massificação da produção e do consumo, também para a estrutura social.

Quando Henry Ford sistematiza a produção em série, uma linha de montagem para a produção industrial no início do século XX, dá-se o início simbólico do fordismo. Contudo, em muitos aspectos, as inovações tecnológicas e organizacionais que ele promoveu foram extensões de tendências bem estabelecidas das idéias de Taylor e da escola de administração científica (MOTTA; VASCONCELOS, 2002). O que havia de diferente em Ford era a sua visão de que a produção de massa

significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução e controle da força de trabalho, um novo tipo de sociedade racionalizada.

Mas foi somente no período após a segunda guerra mundial que o progresso internacional do fordismo ocorreu de forma avassaladora. Sempre sob o guarda-chuva hegemônico do poder econômico e político americano, baseado num sistema de alianças militares e relações de poder, esta expansão internacional trouxe à tona sinais gritantes de descontentamento, mesmo durante o ápice do sistema. As desigualdades resultantes produziram sérias tensões sociais e fortes movimentos sociais por parte dos excluídos. Estes movimentos circundavam questões de raça, gênero e etnia enquanto fatores determinantes para o acesso ou não ao emprego privilegiado. Essas desigualdades eram particularmente difíceis de se sustentar diante do crescimento das expectativas alimentadas, em parte, por todos os artifícios aplicados à criação de necessidades e à produção de um novo tipo de sociedade de consumo (HARVEY, 2002).

De modo mais geral, o período de 1965 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo e do keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Na superfície, essas dificuldades podem ser melhor apreendidas por uma palavra: rigidez (HARVEY, 2002, p. 135).

3 A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

Durante a década de 1960 e no início dos anos 70, alguns sociólogos respeitados – dentre eles Daniel Bell acabou por ser o mais divulgado – passaram a defender uma nova interpretação para a modernidade. A idéia de uma sociedade pós-industrial sustentava uma transição social, uma transformação tão marcante, com um resultado tão diferente quanto foi à mudança da sociedade agrária para a industrial. Esta opinião provocou intensos debates. Não demorou muito para que diversas formas de “teorizar” sobre o pós-industrialismo fossem desenvolvidas. Menos eufóricas do que as previsões de Bell, Drucker e Tofler, mas ao mesmo tempo enfáticas em afirmar que as sociedades industriais haviam cruzado uma linha divisória. Para muitos, a pós-modernidade está para a sociedade pós-industrial como a modernidade para a sociedade industrial, ou seja, a ambiência das dimensões pós-modernas remete necessariamente ao pós-industrialismo. Sendo assim, não seria importante conhecer um pouco sobre as demais correntes de pensamento que surgem no contexto pós-industrial?

A sociedade da informação e o pós-fordismo serão brevemente apresenta-

das, pois coincidem em muitos pontos, influenciam e se inter-relacionam com a pós-modernidade. Mas se diferenciam pelos parâmetros que usam para analisar as transformações sociais da segunda metade do século XX. Acredito que revisitar alguns dos seus principais aspectos seja um caminho apropriado para se chegar às questões pós-modernas.

3.1 A Sociedade da Informação

O conceito de sociedade de informação está relacionado com a tradição liberal do pensamento ocidental. Prega-se que o cerne das forças produtivas da sociedade é completamente modificado pela tecnologia da informação, e que esta passa a ser elemento decisivo numa nova configuração social nela alicerçada.

Segundo Bell (1973), a sociedade pós-industrial organiza-se em torno do conhecimento com o objetivo de exercer o controle social e direcionar as inovações e transformações, assim gerando novos relacionamentos sociais e novas estruturas. O autor acredita que se trata de um conceito amplamente generalizado, mas seu significado pode ser melhor compreendido se especificado em cinco aspectos:

1. Econômico: através da mudança da economia de bens para a de serviços;
2. Distribuição ocupacional configurada na preeminência da classe profissional e técnica;
3. Princípio axial: que implica na centralidade do conhecimento teórico como fonte de informação e de formação de política;
4. Orientação futura no controle e na distribuição tecnológica;
5. Tomada de decisões e a criação de uma nova “tecnologia intelectual”.

As alterações nestes aspectos refletiriam numa nova significação de sociedade na qual seria posta em questão a distribuição da riqueza, do poder e do *status*, problemas centrais em qualquer tipo de sociedade (BELL, 1973).

Uma vez que surgem uma nova fonte de criação de riqueza e novos fatores determinantes da produção, acredita-se no início de um novo modo-de-produção. Trabalho e capital – variáveis básicas da sociedade industrial – seriam substituídos pela informação e o conhecimento.

A tecnologia de informação ocupa lugar de destaque neste processo ao representar a “guinada informacional”²². Computadores, consumo de informação de massa, conhecimento como valor, alto grau de especialização técnica, redes de informação; enfim, estes são termos por demais destacados no discurso professado pelos informacionistas, assim como uma ênfase na extensão das mudanças para a estrutura social (Castells, 1999).

A sociedade da informação não evolui de forma neutra, sem juízos de valores. A tecnologia da informação foi escolhida e moldada de acordo com determinados interesses políticos e sociais que talvez não sejam capazes de controlar suas conseqüências.

Inúmeros questionamentos interessantes são levantados pelos “teóricos” da sociedade da informação. Todavia, o que dizer de suas respostas?

Percebe-se uma insistência ingênua, e até pouco responsável, na não observância da continuidade do sistema capitalista como hegemônico e no caráter de ajustes evolutivos que podem ser vistos na “revolução da informação”.

Sem dúvidas, “o novo” se faz presente e a sistemática industrial perde força em termos absolutos, mas se pode racionalmente falar num novo modo-de-produção? É óbvio que não. Até que ponto a euforia tecnológica não encobriu a visão macro-estrutural política, econômica e social destes teóricos? Terão estes e inúmeros outros deslizamentos sido um privilégio desta corrente de pensamento?

As questões levantadas acerca das idéias dos “teóricos” da sociedade da informação permanecem válidas e pertinentes para os pós-fordistas, assim como podem ser direcionadas à pós-modernidade.

3.2 O Pós-Fordismo

Se a teoria da sociedade da informação destaca uma mudança fundamental nas forças produtivas, a pós-fordista irá ressaltar a constituição de novas relações de produção. Os pós-fordistas baseiam suas posições no trabalho pioneiro de Piore e Sabel³, acreditando que as novas tecnologias possibilitam uma nova estruturação das relações de trabalho e dos sistemas produtivos em bases sociais, econômicas e geográficas completamente diferentes. Muito embora, de uma forma geral, sejam caudatários da tradição marxista, dividem-se em várias correntes. A transição do capitalismo organizado para outro, tido como desorganizado, e a mudança da rigidez fordista para uma nova forma de produção e acumulação flexível, estão no cerne das discussões pós-fordistas. As diversas ponderações que surgem neste sentido são controversas e colocam em evidência as discussões em torno de um fenômeno que recebeu a denominação de “Terceira Itália” (HARVEY, 2002).

Seus principais aspectos eram a descentralização produtiva e o caráter coletivo e cooperativo da organização produtiva e social. Para seus apologistas, a “Terceira Itália” não era apenas um fenômeno econômico, mas também um fenômeno social, cultural e político de grande magnitude. É o resultado de uma fuga

para proteger-se do poder do trabalho organizado e uma tentativa de recuperar o controle sobre a força de trabalho, vindo a indicar a possibilidade de reunificação de trabalho e comunidade. Já os seus críticos a observam como um alerta do começo de uma nova e mais dura fase do capitalismo, e apresentam uma série de indícios que denotam o perigo que existe no controle implícito característico desta flexibilidade tão difundida, além do argumento – geralmente enfatizado por estes – que ressalta o caráter extremamente local do fenômeno (KUMAR, 1997).

Neste sentido, Harvey (2002) afirma haver vários sinais de continuidade, em vez de ruptura, com a era fordista. Muito embora as condições atuais sejam diferentes em muitos pontos, não é difícil notar que os elementos e relações, que Marx definiu como peças fundamentais de todo modo capitalista de produção, ainda podem ser observados na agitação superficial característica da “nova forma” de acumulação (a flexível). Desta feita, os pós-fordistas são acusados de transformar o próprio fordismo em mito.

No ponto de vista de Kumar (1997), se o próprio fordismo pode ser desintegrado numa série de inovações separadas que não formam um conjunto coerente de mudanças amplas para se configurar em um regime de acumulação, visualizar uma revolução pós-fordista parece suspeito.

O localismo e o pluralismo não seriam reações isoladas à produção industrial de massa e suas conseqüências socialmente malévolas? Não estariam então compondo um novo arranjo produtivo também orquestrado implicitamente pelas grandes corporações e investidores financeiros internacionais?

4 A PÓS-MODERNIDADE

A pós-modernidade se configura como a mais abrangente dentre as correntes teóricas recentes, “acolhe em seu generoso abraço todas as formas de mudança – cultural, política e econômica” (KUMAR, 1997, p.15). O que anteriormente foi visto como pós-fordismo ou sociedade da informação é abarcado pelos pós-modernos como variâncias de sua própria conceituação. Extremamente eclético, o pós-modernismo⁴ apresenta uma maior dificuldade para compreensão, análise e reflexão.

Pela própria natureza da “condição pós-moderna”⁵ é compreensível a aversão que há entre seus teóricos em definir-se. “Não tentarei definir aqui o que é pós-modernismo. A polissemia se faz muito presente neste sentido e próprio termo ‘pós-modernismo’ deve previnir-nos contra tal abordagem, já que estabelece o fenômeno como relacional” (HUYSSSEN, 1992, p. 22). Entretanto, alguns

dos seus defensores euforicamente se aventuraram nesta tarefa, entre eles, Charles Jencks *apud* Kumar (1997, p. 115):

A era pós-moderna é um tempo de opção incessante. É uma era em que nenhuma ortodoxia pode ser adotada sem constringimento e ironia, porque todas as tradições aparentemente têm alguma validade. [...] O pluralismo, o 'ísmo' de nossa época é, ao mesmo tempo, o grande problema e a grande oportunidade: quando Todo Homem se torna cosmopolita e, Toda Mulher, um Indivíduo Liberado, a confusão e a ansiedade passam a ser estados dominantes de espírito [...] (JENCKS *apud* KUMAR, 1997, p.15)

Originando-se sobretudo na dimensão cultural, o conceito de pós-modernismo, ou pós-modernidade, buscou abranger um número cada vez maior de dimensões na sociedade, trazendo uma visão de que as sociedades industriais sofreram uma grande transformação.

Kumar (1997) afirma que no seu processo de desenvolvimento foram incorporados elementos de outras teorias concebidos em outras dimensões. A teoria da sociedade pós-industrial foi uma das primeiras a serem absorvidas. Embora os pós-modernistas interpretem o papel do conhecimento na sociedade de forma bem distinta que Bell, eles também acreditam se distanciar da euforia que caracteriza a maioria das versões da “sociedade da informação” – o que não os deixam livres de pertinentes críticas quanto ao otimismo excessivo de alguns dos pensadores pós-modernos – muito embora concordem com a importância dada aos computadores e às novas formas de comunicação.

O pós-fordismo também se faz presente com destaque na teoria pós-moderna, acima de tudo na ênfase que dá à descentralização, dispersão e à renovada importância do plano local, porém rejeitando o arcabouço marxista que geralmente acompanha os pós-fordistas.

Em suma, a pós-modernidade é tão surpreendente e eclética em suas origens como é sintética e sincrética em suas manifestações. Um claro reflexo disso está no fato de contradições e circularidade serem aspectos valorizados em suas versões mais polêmicas (KUMAR, 1997).

Muito se discute sobre se os argumentos pós-modernos são sustentáveis, se o tom panfletário de boa parte dos seus autores não seria apenas frivolidade, modismo. Para alguns autores, como Habermas, o projeto moderno é um projeto ainda inacabado, existiriam, de fato, mudanças concretas a ponto de se falar em pós-modernidade?

Estas e outras ponderações devem ser projetadas nas proposições sobre as dimensões pós-modernas que serão vistas a seguir.

4.1 As Dimensões Pós-Modernas

Se, para alguns, uma das grandes realizações da modernidade foi diferenciar de tal maneira a sociedade que princípios distintos poderiam ser aplicados a diferentes dimensões, a teoria pós-moderna inverte esta tendência, fundindo mais uma vez estas dimensões. Sob seu prisma, não há, ou pelo menos não há mais, qualquer força controladora que dê à sociedade forma e significado. Fortalece-se a idéia da existência de um fluxo aleatório perpassando todos os setores da sociedade. As fronteiras entre eles se dissolvem, resultam não numa totalidade, mas numa condição pós-moderna de fragmentação.

O que dizer então sobre as principais questões relativas às visões pós-modernas quanto à epistemologia, cultura, sociedade e economia? O que há de novo na discussão destas dimensões em relação à modernidade? Aqui se propõe então esclarecer e refletir sobre questões como estas, dimensão por dimensão.

4.1.1 Epistemologia

A crise da modernidade traz a reboque uma crise em sua concepção de ciência. A busca da verdade, a crença de que a realidade poderá ser expressa através do conhecimento científico e a visão antropocêntrica do homem em relação ao saber – características norteadoras dos processos de produção do conhecimento modernos, ou seja, sua epistemologia – são aspectos profundamente questionados na discussão contemporânea da filosofia das ciências.

De acordo com Santos (2000) a ciência moderna e sua epistemologia são constituídas com base numa “forma moderna de pensar” que será refletida num rigor científico. Leis são estabelecidas tentando compreender como funcionam as coisas, a idéia de “mundo-máquina”, do determinismo mecanicista, é reconhecida como capaz de explicar o real. Compartilha-se uma crença de que, assim como foi possível compreender as leis da natureza, assim será em relação à sociedade.

Foucault (1999) ressalta que a *episteme* moderna surge quando o saber abandona o espaço da representação, ao qual estava confinado pela *episteme* clássica, e se consolida como o saber do homem, novo elemento até então inexistente e que passa a comandar todo o campo do conhecimento. Este conhecimento universalista e um saber centrado no homem “sujeito conhecedor da

realidade”, distinguindo-o bem do objeto em estudo, são os aspectos centrais clarividentes que norteiam a discussão epistêmica.

Novas perspectivas para o estudo da sociedade e de seus diversos aspectos são enfatizadas como pontos cruciais para os pós-modernos. Enquanto a modernidade busca o consenso em torno de uma forma de se fazer ciência, a pós-modernidade irá valorizar o dissenso. As metas-narrativas⁶ e as afirmações com caráter de leis já não são mais tidas como pertinentes.

Enquanto a ciência moderna alicerça sua *epistême* nas grandes sínteses homogeneizadoras, a *epistême* pós-moderna, em geral, se legitima pelo heterogêneo, pela diferença. As “grandes narrativas” modernas são alvo de substancial crítica pós-moderna, as “narrativas modestas” são apontadas por Lyotard (1999) como sendo alternativas condizentes ao particularismo que a pós-modernidade faz questão de ressaltar.

O argumento em *A Condição Pós-Moderna* está centrado na idéia de que as grandes narrativas não explicam o mundo já que fazem parte de jogos de linguagem e estes se baseiam em tipos de enunciados que “formam a ciência”. Nenhum conceito ou teoria pode compreender a totalidade do real. O discurso especulativo faz parte deste jogo e a ciência, nada mais é do que um jogo com regras bem definidas (LYOTARD, 1999).

A epistemologia pós-moderna acredita ser necessário renunciar as pretensões de explicações universais, sendo o seu papel analisar o fenômeno da linguagem humana. É justamente nesta importância atribuída à linguagem que o saber centrado no sujeito – característico da *epistême* moderna – será questionado.

A “virada lingüística” nas discussões filosóficas levando a filosofia da consciência à da linguagem, ou seja, a atribuição de força à linguagem no pensamento filosófico é de extrema significância neste debate. O novo status atribuído à linguagem pede uma reflexão sobre o que vem a ser verdade afinal? Seria a ciência capaz de comprovar verdades e assim torná-las dogmas universais?

A resposta negativa a essa questão coloca em cheque a ciência moderna tradicional e a sua busca pela comprovação científica da verdade. Correntes de pensamento defendem – e.g., o pragmatismo anti-essencialista de Rorty⁷ – que não vale a pena discutir sobre verdade e realidade, não se chegará em lugar algum. Estes conceitos estão inseridos em situações contingenciais haja vista que inúmeros são “os sentidos das coisas” e mesmo estes precisam ser devidamente relacionados a outros, apenas sendo compreensível de acordo com seu significado relacional, e se contextualizados historicamente.

Em contrapartida, Habermas (1995) defenderá a necessidade e a impor-

tância destas discussões para a construção de um conhecimento engajado e revolucionário, numa abordagem crítica das teorias, da ciência e do próprio presente, construindo, assim, um conhecimento emancipatório.

Estaria a crítica pós-moderna centrada numa *epistème* moderna tradicionalista? Muitos dos que defendem a concepção moderna diriam com veemência que sim.

Mas verdade e realidade não estão em xeque apenas em termos de epistemologia científica, um filósofo (moderno) como Nietzsche (2000, p. 48) afirma que “as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível [...] não contém um único ponto que seja ‘verdadeiro em si’, efetivo e universalmente válido, sem levar em conta o homem”. A realidade socialmente construída é influenciada por novos traços culturais, traços estes que compõem uma nova cultura. A pós-modernidade irá observar esta nova cultura imbricada com uma nova sociedade e sua nova lógica econômica.

4.1.2 Cultura

Modernidade não é modernismo. Enquanto o termo modernidade está relacionado ao campo político, social e econômico, o modernismo está relacionado ao cultural e estético, surgindo como um movimento fundamentalmente cultural, criticando “a falta de modernidade na modernidade”. Calinescu (apud KUMAR, 1997) observa a existência de duas modernidades conflitantes, uma cisão. De um lado, a ciência, a razão, o progresso e industrialismo; do outro, a refutação e rejeição apaixonadas dos mesmos, em favor do sentimento, da intuição e do uso livre da imaginação. Por um lado, a modernidade burguesa, por outro, a cultural, crítica.

Este paralelo não se justifica para a pós-modernidade. Em geral, afirma-se haver uma confluência entre a cultura e a sociedade pós-moderna. Sendo então, justamente na dimensão cultural, que a idéia de pós-modernidade eclode e ganha força, deixando claro que, se houve um setor privilegiado na pós-modernidade, este foi o cultural. A cultura torna-se um produto essencial no funcionamento do capitalismo, a indústria cultural é uma máquina registradora que opera baseada no consumo de uma cultura de massa.

Entretanto, foi mais especificamente na arte que apareceu a terminologia “pós-moderno”, e, na arquitetura, sua representação estética embrionária.

Foi na esfera estética – principalmente na arquitetura e na literatura – que o termo pós-moderno foi usado pela primeira

vez. Ele designa em geral, uma certa tendência a distanciar-se do modernismo estético. Segundo Jameson, a ruptura teria ocorrido a partir do último espasmo, tardio, do alto modernismo, nos anos 50, que se manifestou, por exemplo, no *abstract expressionism*, na *nouvelle vague* cinematográfica, no existencialismo. A partir deste momento, há um corte pós-moderno, com a pintura *pop* de Andy Warhol, com a música de John Cage e até mesmo no *rock punk* ou *new wave*, em oposição, por exemplo, ao rock “moderno” do período anterior – os Beatles ou os Rolling Stones (ROUANET, 1987, p. 248).

Para Rouanet (1987), enquanto a arquitetura moderna era imperialista, derubando os vernáculos e os estilos clássicos, a arquitetura pós-moderna é regionalista e atenta para os estilos locais específicos, mas sempre levando em consideração o recurso das novas linguagens artísticas, o que é compatível com sua filosofia eclética. Enfim, a arquitetura pós-moderna é populista, “historicista” e se configura como um conjunto de citações no melhor estilo pastiche, se identificando com a cultura de massa. Harvey (2002) destaca que é justamente na arquitetura que se adota uma postura crítica em relação à arquitetura “fria e racional” moderna. A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a moda, a efemeridade, o espetáculo e a mercadização de formas culturais. Disneylândia e Las Vegas são exemplos emblemáticos também neste aspecto.

Já o estilo literário pós-moderno fará bastante uso da paródia entre outros recursos e características apontadas por Rouanet (1987, p. 256) “a literatura pós-moderna é fragmentária, descontínua, polissêmica [...] em contraste com a literatura clássica e moderna, que se basearia na estética do símbolo. Isto é, seria totalizadora, harmônica, contínua”.

Segundo Jameson (2001), o pós-modernismo tem como característica o apagamento das fronteiras entre a arte popular, ou de massas, e a arte erudita, o desaparecimento do sujeito, da ideologia do novo e do vanguardismo em geral. Além disso, a arte pós-moderna estabelece com a história uma relação *sui generis*. Esgotada sua capacidade de criação, o artista pós-moderno é forçado a voltar-se para o passado. “É o pastiche, a imitação pela imitação. Donde o ecletismo do pós-modernismo, sua tendência a saquear o ‘museu do imaginário’ dos estilos sucessivos, canibalizando o passado: a história é substituída pelo pastiche” (ROUANET, 1987, p. 250).

Muito se fala do certo aspecto de continuidade que pode ser visto no pós-modernismo crítico, entretanto, em sua “origem arquitetônica” é evidente sua postura anti-modernista, muito embora existam diferenças entre o pós-moderno dos anos 60 e o que se inicia em meados dos anos 70. A primeira fase coincidiu com o apogeu da *new left*, da contracultura, do movimento pacifista. Foi um pós-moderno anárquico, vanguardista. A segunda fase é um pós-moderno mais apático e em geral mais despolitizado, na qual a noção de obra de arte como crítica realmente constitui uma das mais inteligentes condenações do pós-modernismo, acusado de ter abandonado a postura crítica do modernismo (HUYSSSEN, 1992).

Habermas (apud HUYSSSEN, 1992) conclue que uma arte pós-moderna e pós-vanguardista se enquadra com várias formas de conservadorismo, e está baseada no abandono do projeto emancipador da modernidade.

Uma visão bastante sensata parece ser a de Andreas Huyssen ao expor suas idéias sobre a cultura pós-moderna:

A natureza e a profundidade desta transformação podem até ser discutíveis, mas há uma transformação. Eu não quero ser mal entendido, pois não afirmo que exista uma total modificação no paradigma da ordem cultural, social e econômica; qualquer pretensão nesse sentido seria claramente exagerada. Registra-se, contudo, em importante setor de nossa cultura, uma notável mudança [...] que torna um conjunto pós-moderno de posições, experiências e propostas distinguível do que marcava o período precedente. O que precisa ser mais amplamente esclarecido é se essa transformação tem gerado verdadeiramente novas formas [...] (HUYSSSEN, 1992, p. 20).

Entretanto, a cultura pluralista como forma de liberdade em amplos e diversos sentidos é fervilhante e será refletida na concepção de sociedade pós-moderna. O pós-modernismo ultrapassa as fronteiras da arte e da arquitetura e muitos dos seus teóricos irão defender uma fusão da dimensão cultural com a social. Jameson (2001) enfatizará que houve “dilatação imensa da dimensão cultural” que ocasionou uma expansão prodigiosa da cultura por todo o reino social tornando-a determinante da realidade social e econômica. Será?

4.1.3 Sociedade

Enquanto pode ser visto que o contexto social moderno está fortemente associado ao industrialismo, a produção e o consumo de massa, sendo a estrutu-

ra social influenciada pela modernidade burguesa e pela racionalização em todas as dimensões, as sociedades contemporâneas apresentam um forte grau de fragmentação, pluralismo e individualismo. As relações humanas seriam reajustadas em observância a uma nova estrutura social pluralista.

Segundo seus teóricos, o contexto social pós-moderno seria significativamente diferente do moderno. Agora, a máquina foi substituída pela informação, o livro pelo vídeo, a fábrica pelo *shopping center*, o hedonismo e o consumismo se tornam generalizados, uma estrutura psíquica do indivíduo é caracterizada ao mesmo tempo por um violento narcisismo, assim como um total esvaziamento da subjetividade, a extinção dos laços de intimidade, a estética impregna os objetos de apelos publicitários frívolos. O homem pós-moderno é esquizóide, permeável a tudo, fluído e fragmentado, é desta forma que ele se comporta socialmente (ROUANET, 1987).

Uma pós-modernidade social se manifesta no plano do cotidiano por uma onipresença do signo e do simulacro, do vídeo e de um “êxtase da comunicação”. A mídia criou uma nova realidade eletrônica saturada de imagens e símbolos. Mas, diferentemente das convencionais, os simulacros são “cópias sem originais”. O mundo social se desmaterializa, surge então a hiper-realidade na qual não se pode mais distinguir o imaginário do real, nem o signo do seu referente (BAUDRILLARD, 1998).

A alteridade se destaca nesta perspectiva característica de uma sociedade que consome cada vez menos objetos e cada vez mais signos. Padrões globais se misturam com especificidades locais “numa loja da *McDonald's* na Índia”.

Os partidos políticos de massa cedem espaço aos novos movimentos sociais. O pós-modernismo valoriza sociedades multiculturais e multiétnicas, enfatizando a diferença na qual a identidade não mais será unitária nem essencial, mas fluída e mutante, alimentada por fontes múltiplas e assumindo formas também múltiplas. A idéia de sociedade pós-moderna se aproxima da idéia de sociedade da informação, pós-fordista e mesmo do que Harvey denomina de capitalismo “tardio” ou “desorganizado”. Todavia, seu enfoque é que transcende estas perspectivas para fazer alegações mais abrangentes sobre a própria natureza da sociedade e da realidade objetiva, fazendo afirmações sobre a forma de compreender a realidade social (KUMAR, 1997).

Respeitar o plural e o local será a tônica do discurso que emerge e se faz presente nos diversos “movimentos das minorias” a ponto de algumas feministas afirmarem que: “as relações de gênero não têm, assim essência fixada; variam tanto dentro do tempo quanto além dele” (FLAX, 1992, p. 221).

Em termos sociais, Baudrillard (2002) observa que o código começa a penetrar em todo o tecido social. Há uma imersão do indivíduo em jogos de linguagem e o colapso dos opostos é um sintoma de que tudo fica duvidoso: o belo e o feio, o verdadeiro e o falso na mídia, a natureza e a cultura; enfim, todos se tornam intercambiáveis na era da simulação e da reprodução.

O contexto social pode então ser visto como uma origem incontrollável de multiplicidades e particularismos no qual pouco importa se alguns vêem isso como um fenômeno negativo, produto de uma tecnociência capaz de programar os homens para serem átomos, ou outros como positivo, sintoma de uma sociedade rebelde a todas as totalizações (ROUANET, 1987).

4.1.4 Economia

No que se refere à dimensão econômica da pós-modernidade, estaria esta extremamente imbricada ao que foi visto nas demais concepções da sociedade pós-industrial anteriormente apresentadas. Assim como na visão da sociedade da informação e na pós-fordista, compartilha-se a crença de que o industrialismo vai aos poucos perdendo força diante de um novo desenho cada vez mais presente e dissociado – pelo menos explicitamente – das grandes corporações de produção industrial. Enquanto a sociedade industrial fordista era produtora de bens, a pós-industrial é uma sociedade que produz informação, serviços e cultura “pronta para consumo”.

A acumulação flexível marcará um confronto direto com a rigidez do fordismo. Surge então uma idéia de capitalismo “desorganizado” ou “tardio” em oposição ao capitalismo industrial. Esta nova concepção se apóia na flexibilidade dos processos e mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, afirmando acontecer uma transformação do modo de controle do trabalho e de emprego, e que as economias de escopo vencem as economias de escala. As informações precisas são agora uma mercadoria muito valorizada. O controle do fluxo de informações e dos veículos de propagação do gosto e cultura populares também se projetou como força decisiva na competição de mercado. Mas a reorganização do sistema financeiro global e a emergência de poderes globais irão assegurar posto de comando mundial do sistema produtivo e implodir a idéia de um novo tipo de capitalismo desorganizado muito aceito entre os pós-fordistas (HARVEY, 2002).

Embora os pós-modernos, em geral, gostem da distinção – pois a sociedade industrial apresenta características que não lhes seduzem – e vejam a passagem para a fase pós-industrial como positiva na medida em que os mecanismos de

exploração tornam-se menos evidentes, Jameson (1997) não vê nada de positivo nesta transição e denomina o estágio atual do capitalismo como sendo “mutinacional”, configurado como um corte genuíno, não em relação ao sistema capitalista, como sugere a tese de Bell, mas dentro desse sistema. O autor não hesita em afirmar que a este estágio do capital corresponde à cultura pós-moderna, do mesmo modo que o modernismo correspondeu ao anterior. Ou seja, a pós-modernidade se manifesta no plano econômico por uma mundialização do capitalismo.

Será que de fato aconteceu uma transformação da economia da escala para a de escopo como destaca Harvey, ou pode-se vislumbrar um processo de transmutação das economias, sendo que agora com características pertinentes as exigências dos novos padrões de consumo que surgem e a retroalimentam? A idéia de Jameson, de um capitalismo multinacional, parece ser mais pertinente já que a economia de escala se fortalece com as “aprendizagens locais”, ao compreender que precisa atentar um pouco mais para suas especificidades, o que não a impede de continuar vendendo coca-cola em todo globo, mas também buscando oferecer outros novos sabores.

5 CONCLUSÃO

Os pensadores da sociedade da informação valorizaram excessivamente a tecnologia da informação; os pós-fordistas, um novo arranjo produtivo; e os pós-modernos, a multiplicidade de novas formas de se observar à sociedade como respostas à crise da modernidade. Ou seja, ao que parece, a visão macro-estrutural política, econômica e social não é privilegiada pelas correntes teóricas pós-industriais.

Entretanto, precisa-se observar que o capitalismo se fortalece como modo-de-produção hegemônico fazendo uso de uma “doutrina neoliberal” (CHOMSKY, 2002) que norteia a organização política, econômica e social mundial. Sua configuração tem repercussões locais e globais. Este ponto é um fato do qual não se pode fugir. Todavia, ignorar as múltiplas mudanças apontadas por estas novas perspectivas é fechar os olhos para as mudanças constantes que fazem parte da sociedade contemporânea. As reflexões levantadas por estas novas teorias são instigantes justamente por mostrar a pluralidade de concepções sob as quais se pode vislumbrar análises sobre as transformações sociais.

Como já afirmado anteriormente, a consciência pós-moderna é evidente em teóricos contemporâneos (muito embora alguns deles neguem com veemên-

cia o rótulo), assim como em conjunturas locais. Grandes centros urbanos apresentam traços evidentes em seus cotidianos de um cenário pós-moderno. Novas perspectivas acrescentam novos pontos de vista para as discussões das dimensões epistemológica, cultural, social e econômica. São visões questionadoras, que colaboram para que a modernidade reveja suas convicções.

Os pós-modernos são acusados de tentar homogeneizar uma modernidade plural. O fato de se tomar uma visão padrão da modernidade parece ser uma crítica justa, já que trás à tona a sensação de que “se varre para debaixo do tapete” a multiplicidade de expressões, concepções e variações modernas, com o anseio de escondê-las e então valorizar as idéias pós-modernas. O “mal estar na modernidade” parece ser uma fonte de repulsa a tudo o que se considera nela inserido, mas isso não justifica ignorar o fato de que o “projeto ainda está inacabado”, fazendo uso das palavras de Habermas. Este é um forte argumento contra uma idéia de pós-modernidade.

A expansão da dimensão cultural, pregada na pós-modernidade, também merece ser questionada: até que ponto a cultura é determinante da sociedade e da economia? Ou a questão deveria ser levantada de forma inversa? O que se tem aqui é a sensação de continuidade e reavivamento de célebres reflexões e construções teóricas dos clássicos da sociologia.

É claro que sociedades mais desenvolvidas tornam-se grandes templos de consumo que possibilitam prazeres hedonistas. Mas o que dizer dos pobres indivíduos “reféns” deste sistema?

As questões de gênero, raça e etnia ficam obscuras na teoria pós-moderna. Como respeitar os direitos humanos das minorias – uma conquista moderna – sem conseguir fugir da opacidade e ter uma clara noção de “quem é quem”?

Também é importante ressaltar que a própria terminologia pós-moderna é questionável. O prefixo “pós” é extremamente impertinente já que passa uma idéia de posterioridade a uma modernidade visível, muito embora “mal-resolvida”. Antes de “decretar a morte da modernidade” é importante repensá-la.

Neste sentido, um pensamento alternativo merece destaque. Alguns autores, entre eles Andreas Huyssen e Zygmunt Bauman, embora negando em geral que a pós-modernidade seja uma nova era, aceitam a nova situação que surge, sendo ela propícia para examinar retrospectivamente a modernidade, podendo assim refletir sobre ela. A pós-modernidade significa que a modernidade pode agora ser examinada “como num espelho retrovisor”, sendo então uma perspectiva da qual é possível formular perguntas sobre a modernidade e suas manifestações gerais. Pós-modernidade seria então a modernidade lembrada, “se não

na tranqüilidade, pelo menos ao fim de um dia de trabalho” (KUMAR, 1997).

Na opinião de Bauman (1995), o conceito de pós-modernidade proporciona um ponto de observação novo e externo, essa perspectiva significa que hoje se está mais consciente dos limites da proposta ambiciosa da modernidade, a condição pós-moderna seria então a modernidade emancipada da falsa consciência.

Este pensamento muito se aproximará das idéias de “alta” ou “radicalizada” modernidade de Anthony Giddens (1991, 2002), ou mesmo da modernidade “reflexiva” de Beck (1992, 1997) que destaca o elevado grau de reflexividade como característica dominante deste pensamento, entendendo que os antigos modelos de desenvolvimento das sociedades modernas incorrem num alto número de riscos ligados a questões como a poluição ambiental e o tratamento industrial de alimentos e agricultura.

Bauman, Huyssen, Giddens e Beck poderiam estar próximos na medida em que estão preocupados com as possibilidades de “um mundo mais reflexivo e harmonioso”, contra os arroubos racionalistas e totalizadores da modernidade em sua concepção e visão tradicional, mas nunca no que se refere a denominação e auto-definição como moderno ou pós-moderno. Sendo assim, “temos que aceitar o fato de que, qualquer que seja o veredicto que possamos formular sobre a idéia de pós-modernidade, ele dependerá em boa medida das definições altamente questionáveis que lhe damos” (KUMAR, 1997, p. 183).

ABSTRACT

Debates around postmodern dimensions are plurals. A diversity of positionings and new perspectives are always emerging and collaborating to heat discussions. This essay has as purpose reflect about some of principals questions about following postmodern dimensions: epistemological, cultural, social and economical. First and second sections are dedicated to bring a brief view of fundamentals precedents – in author’s conception – to a thematic understanding. In sequence, postmodernity and its dimensions are presented. Finishing, some comments and questions build finals reflections.

Key words: Postmodernity. Postmodernism. Modernity. Post-industrial society.

NOTAS

1 Uma versão preliminar deste ensaio foi produzida ao longo da disciplina “Tópicos especiais em Sociologia: Modernidade e Pós-Modernidade”, oferecida pelos professores Jonatas Ferreira e Cynthia Hamlin no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. Aqui registro meus agradecimentos à contribuição de ambos para meu esclarecimento sobre as questões aqui tratadas e conseqüente aprimoramento nesta versão.

2 Manuel Castells apresenta este termo em: **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

3 Piore, M. J.; Sabel, C.F. *The Second Industrial Divide: Possibilities for Prosperity*. Nova York: Basic Books, 1984. Este é o trabalho inspirador para os apologeticos do modelo “pós-fordista”.

4 Apesar de alguns autores serem enfáticos ao diferenciar a pós-modernidade do pós-modernismo e alicerçarem esta diferenciação na concepção de que o pós-modernismo seria um movimento cultural e a pós-modernidade a expansão deste para demais esferas (e.g., sociedade, política, economia), neste ensaio se adota a perspectiva de Kumar (1997) na qual os termos são vistos como similares por não se observar, entre eles, uma distinção significativa como há entre modernidade e modernismo.

5 Terminologia utilizada originalmente por Jean-François Lyotard em: **The Postmodern Condition**. Manchester: Manchester University Press, 1979.

6 Uma meta-narrativa pode ser entendida como uma narrativa que se constitui para além da cientificidade e, mesmo assim, é utilizada para justificar algo.

7 Para observar algumas das idéias anti-essencialistas de Rorty ver: Rorty, Richard. **Philosophy and Social Hope**. Suffolk, Penguin Books, 1999, p. 24-71.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. Simulacra and Simulations. In: Mark Poster (Org.). **Selected Writings**. Cambridge: Polty Press, 1998.

_____. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernity and Ambivalence**. Oxford: Polity Press, 1995.

BECK, Ulrich. **Risk Society: towards a new modernity**. Londres: Sage, 1992.

_____. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernidade reflexiva. In GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich e LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p. 11-72.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 15-62.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas?** Neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: Heloísa Buarque de Hollanda (Org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 475-481.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Postmetaphysical Thinking**: philosophical essays. Oxford e Cambridge: Polity Press, 1995. p. 205-227.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 117-184.

HUYSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: Heloísa Buarque de Hollanda (Org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 15-80.

JAMESON, Fredric. “Fim da Arte” ou “Fim da História”? In: **A Cultura do Dinheiro. Ensaios sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: _____. **Pós-modernismo**. São Paulo: Ática, 1997. p. 27-79.

KANT, Immanuel. Resposta à Pergunta: que é o Iluminismo? In: **A Paz Perpétua e Outros Opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1995.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes; VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia de. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**: sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores). p. 51-60.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal Estar na modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001, p. 9-45.

_____. A Verdade e a Ilusão do Pós-Moderno. In: **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1987. p. 229-277

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000. p 55-94.